

Novo México ainda é um grande dormitório

Após 12 anos, menor prestação é de Cr\$ 4.500,00 e a maior não ultrapassa os Cr\$ 12 mil. O bairro é silencioso e tem poucas opções de lazer

Por Carlos Lacerda

O bairro de Novo México, no Município de Vila Velha, teve origem de um conjunto residencial inaugurado em 1972 com 905 residências para trabalhadores sindicalizados de diversas categorias profissionais e moradores da região periférica da Grande Vitória. Treze anos depois, Novo México tem uma população de 5 mil habitantes para 1200 imóveis — houve a ampliação dos antigos e construção de mais 295.

Exceção feita aos comerciantes, o morador comum de Novo México tem baixo poder aquisitivo, com salários que não chegam a atingir Cr\$ 120 mil e como mutuários do Sistema Financeiro da Habitação, paga suas prestações da casa própria nas financeiras BMG, Economisa e Tamoyo. Já computado o aumento de 130,42%, decretado pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) a partir de julho deste ano, a prestação mais baixa no bairro é de Cr\$ 4.500,00, enquanto que, a mais alta não ultrapassa Cr\$ 12 mil.

DORMITÓRIO

Segundo seus próprios moradores, Novo México é um bairro dormitório a exemplo de todo o Município ao qual pertence. À noite, o silêncio e a solidão seria total se não fossem os desempregados ou os que retornando do trabalho em Vitória, permanecem em alguns poucos bares e botequins para um aperitivo com salgadinhos ou uma cerveja, como estímulo ao debate político e esportivo. 90% das ruas do bairro são arborizadas embora seja, péssimo o estado de conservação.

Em Novo México, somente as avenidas Vitória Régia, Rosa de Ouro e parte das Rosa de Prata e Leila Diniz, são pavimentadas, enquanto que as demais, que foram calçadas com bloquetes durante a administração do ex-prefeito Solon Borges, encontram-se em estado deplorável, impedindo o tráfego e danificando veículos.

Moradores denunciaram que

Solon Borges mandou calçar todas as ruas sem realizar a compactação e drenagem do aterro, o que fez com que o terreno cedesse, resultando na quebra e esfacelamento dos bloquetes, impedindo seu aproveitamento na recuperação do calçamento. Manuel Custódio de Almeida afirmou que a rede de esgotos do bairro é deficiente e que as manilhas finas "ficaram totalmente entupidas de areia levada pelas águas pluviais".

Todas as ruas do bairro estão cheias de entulhos, areia, brita e terra amontoados nas calçadas. Ao longo dos meio-fios é encontrado mato e a lama, que por não terem sido retiradas depois das chuvas, se transformaram em lençóis de poeira. O lixo é jogado em terrenos baldios, proliferando moscas e mosquitos. Nem mesmo as folhas secas que caem das árvores são retiradas pelo serviço de limpeza pública da Prefeitura de Vila Velha, cujos caminhões, Manoel Custódio de Almeida garante que "recolhem o lixo de todo o bairro três vezes por semana".

Em Novo México todos os sábados à tarde é instalada uma feira-livre que, além de atender aos moradores do bairro, serve aos bairros vizinhos de Jardim Asteca, Vila Nova, Guaranhuns e Ilha dos Bentos.

O bairro conta com dois supermercados, uma igreja católica, uma Assembléia de Deus, uma Casa das Orações, uma Maranata e alguns de seus moradores garantem que não tem centros esportivos, nem terreiros de macumba.

As transações bancárias são feitas em Vila Velha (centro), ou Vitória, distante 13 km, por seus moradores que reclamam um cinema, clube social e parque infantil. O serviço de transporte coletivo é feito pelas empresas Alvorada e Verdun que, embora, mantenha um número razoável de ônibus, não atendem, satisfatoriamente, pela explosão demográfica ocorrida no local. Do bairro saem ônibus para o centro de Vila Velha, Praia da Costa, e Vitória com ponto final e passagem pelo local.

O presidente do Centro Co-

munitário de Novo México, Wilson Rosenberg, disse que o bairro não conta com segurança pública pela inexistência de uma delegacia, embora a "comunidade tenha construído um posto de atendimento policial" que ainda não está funcionando. Ele afirmou que embora em Novo México não ocorram crimes de assassinatos, os roubos são constantes, e amanhã às 19 horas, na sede do Centro Comunitário, segundo Wilson Rosenberg, a comunidade do bairro estará reunida para tratar da construção de uma delegacia policial no bairro".

No setor educacional, Novo México, tem a escola de 1º Grau Novo México, com cursos da 1ª a 8ª séries e mantida pelo Estado, onde à noite funciona a Escola Cenecista de 1º e 2º Graus Benjamin Sodré, com cursos de contabilidade, magistério e administração. Wilson Rosenberg garantiu que as escolas existentes em Novo México "atendem as necessidades básicas do bairro".

A iluminação pública da Escelsa é precária e moradores pedem a troca das lâmpadas incandescentes por outras de mercúrio. Áreas de lazer não existem no bairro, embora a comunidade tenha construído, juntamente com a PMVV, e em sistema de mutirão, uma praça com 1936 metros quadrados a ser brevemente inaugurada. A praça que é a primeira área de lazer do bairro ainda permanece sem nome, teve plantação de árvores e grama por 200 crianças dia 13, sábado passado.

Manoel Custódio de Almeida disse que a próxima área de lazer a ser construída em Novo México será um campo de futebol para atender as oito equipes amadoras. Ele denunciou a empresa Tercon de ter construído uma quadra de esportes (futebol de salão, vôlei e basquete), fato que originou um processo que se encontra atualmente na Cohab, destinado a determinar a total recuperação da quadra.

O serviço de saúde no bairro é precário, mesmo assim, o presidente do Centro Comunitário, garante que um Posto de Aten-

dimento Médico funciona no horário de 11 às 14 horas. Wilson Rosenberg afirmou que "já existe a doação pela Secretaria de Saúde de um terreno com 300 metros quadrados para a construção de um Centro de Saúde cuja verba será solicitada ao secretário Douglas Puppim no próximo dia 23". O terreno foi doado ainda no governo Eurico Rezende e teve dois anos de prazo para a construção do Centro de Saúde, e, segundo Wilson Rosenberg, esse prazo já expirou.

DENÚNCIA

Moradores denunciaram a diretoria do Centro Comunitário de "não ter habilidade para sensibilizar a comunidade para um trabalho conjunto, preferindo agir sem essa participação". Segundo alguns moradores, nas reuniões do Centro Comunitário até mesmo a própria diretoria não aparece com mais de três membros.

Existem até aqueles que afirmam que "algumas reuniões não ocorrem porque a pessoa encarregada de abrir a porta do Centro Comunitário não comparece com a chave". Um morador mais crítico, afirmou que "a direção do Centro Comunitário tenta resolver problemas que não são prioritários, como quadra de esportes e creche, deixando em segundo plano a solução de outros como a construção de um ambulatório médico, coleta de lixo, limpeza pública e o principal que é a participação de toda a comunidade nas decisões dos problemas do bairro".

Wilson Rosenberg, afirmou que o Centro Comunitário permanece fechado por falta de interesse de pessoas da comunidade que preferem não oferecer mão-de-obra ao órgão". Ele afirmou que toda a diretoria do Centro trabalha, o que dificulta a permanência de diretores no local durante o dia. Ele garantiu, também, que o imóvel onde funciona a sede, está sendo recuperado. A partir do próximo mês de setembro, diz ele, serão iniciados cursos de corte e costura, cabeleireiro, manicure, artesanato, auxiliar de escritório, eletricista e

Joaquim Nunes



Rosemberg reclama da segurança



Joaquim Nunes



Maleuada, uma das poucas praças do bairro

outros que serão ministrados pela Secretaria de Estado do Bem-Estar Social.

Manoel Custódio de Almeida afirmou que "para malhar a diretoria do Centro Comunitário aparece muita gente, porém, para trabalhar ninguém". O Centro Comunitário tem 300 associados que, segundo Rosenberg, deixam de pagar as suas mensalidades "simplesmente pela falta de pessoas da própria comunidade disponíveis para cobrá-las".

Wilson afirmou que as assem-

bléias gerais da comunidade são realizadas quando existe a necessidade de aprovação de algum projeto. Todavia — continuou ele — a participação comunitária nas assembléias é pequena. Manoel Custódio de Almeida disse que está sendo editado pela comunidade um jornal mensal denominado "O Mexicano", que divulga as atividades do Centro Comunitário, as prestações de contas da sua diretoria, e programas diversos. O primeiro número de "O Mexicano" saiu neste mês de agosto.